

# MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DO POVO ZORÓ

Cristiane Ambé Gavião  
Orientador: Kécio Gonçalves Leite

Universidade Federal de Rondônia, Brasil (UNIR)

**Resumo:** Este artigo apresenta os resultados de um projeto de pesquisa desenvolvido no Curso de Especialização em Educação Escolar Indígena, da Universidade Federal de Rondônia. O projeto teve por objetivo elaborar um material didático específico e diferenciado, voltado ao ensino e aprendizagem de estudantes do povo indígena Zoró, na perspectiva de promover os saberes matemáticos do povo. Configura-se assim como uma proposta alternativa ao atual ensino de matemática nas escolas do povo Zoró. Nesse sentido, servirá como suporte para professores planejarem suas aulas no contexto da realidade de suas comunidades locais, a partir de referências da língua e da cultura do próprio povo. Assim o material produzido ajudará na reflexão sobre os saberes etnomatemáticos pangyjej, contemplando informações acerca de sistemas de medida, formas de contagem, geometria e calendário tradicional. Em síntese, o material didático produzido contempla a contextualização o ensino de matemática a partir da realidade das comunidades locais, sendo específico, diferenciado e intercultural, com referência ao dia-a-dia dos alunos, desde animais, plantas, objetos e território onde moram.

**Palavras-chave:** Povo Zoró; Etnomatemática; Indígena; Material didático.

## INTRODUÇÃO

A existência de materiais didáticos específicos e diferenciados nas escolas indígenas é fundamental para garantir as características da educação escolar indígena de cada povo, conforme previsto na legislação brasileira. Entretanto, ainda são escassos os materiais publicados e disponibilizados pelas secretarias de educação para uso em sala de aula das escolas nas aldeias.

No caso específico das escolas da Terra Indígena Zoró, situada ao Noroeste de Mato Grosso, ainda não existe um material didático específico para as aulas de matemática que contemple os saberes e a língua Pangyjej do povo Zoró, e sirva de apoio aos professores para trabalharem em uma perspectiva intercultural.

Partindo dessa problemática, o presente trabalho, desenvolvido no curso de Especialização em Educação Escolar Indígena da Universidade Federal de Rondônia, apresenta uma proposta de como pode ser estruturado um material didático específico para ensino de matemática nas escolas do povo Zoró.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa com o objetivo geral de produzir material didático específico em uma perspectiva de interculturalidade e do bilinguismo para o ensino de matemática nas escolas zoró, e tendo como objetivos específicos: refletir sobre especificidades da educação escolar indígena, coletar dados sobre saberes matemáticos do povo Zoró, organizar saberes matemáticos do povo Zoró em forma de material didático específico, e contribuir para a organização e o fortalecimento da educação escolar indígena do povo Zoró.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A instituição escolar, como espaço educativo inserido nas aldeias após o contato com a sociedade não-indígena, historicamente tem interferido nos processos educativos próprios de cada povo indígena, quer seja como facilitadora do acesso às culturas não-indígenas, quer seja como indutora de mudanças nos conhecimentos, nas línguas e nas cosmologias dos povos, quase sempre por processos colonialistas. Entre as razões para essa interferência está a ausência de materiais didáticos específicos e diferenciados nas escolas indígenas, desconsiderando-se assim, nos processos escolares e nos currículos, os conhecimentos tradicionais construídos pelos diferentes povos ao longo de suas existências.

Mas alguns referenciais teóricos tais como D'Ambrosio (2011), Fantinato (2009), Freitas e Ruiz (2011), Leite (2014), Suruí e Leite (2018) e Beltrão e Mastop-Lima (2009), entre outros, destacam que os saberes matemáticos são múltiplos e variados, sendo diferentes entre povos e culturas. Assim, surge o conceito de etnomatemática, entendido como “a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de um certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns” (D'AMBROSIO, 2011, p. 9).

Esse conceito de etnomatemática amplia a própria definição de matemática, incluindo-se nessa categoria os conhecimentos de natureza matemática de todos os povos do mundo, quer sejam povos indígenas quer sejam não-indígenas, pois reconhece que cada um tem sua própria forma de produzir e expressar seus conhecimentos matemáticos a partir de suas realidades contextuais e cotidianas.

Além desse reconhecimento teórico da existência de diferentes saberes, verifica-se, na história da Educação Escolar Indígena no Brasil, que foram conquistados nas últimas décadas alguns marcos legais que garantem o direito de cada povo organizar o currículo

escolar e desenvolver materiais, metodologias e práticas pedagógicas que reconheçam, respeitem e promovam as línguas e os conhecimentos tradicionais. Podem-se citar como exemplos a própria Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), a Lei nº 9394/96 (BRASIL, 1996), o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1998) e o Parecer nº 14/99 do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1999).

Assim, para superar a carência de materiais didáticos específicos para as escolas indígenas, é necessário o desenvolvimento de pesquisas, principalmente pelos próprios professores e professoras indígenas, visando a produção de dados sobre saberes e fazeres que possam ser utilizados na elaboração de livros, apostilas e outros materiais escolares.

No caso específico do povo Zoró, já existem algumas pesquisas realizadas ou em andamento pelos professores Samuel Júnio da Silva Zoró (ZORÓ, 2018) e Fernando Zoró. E como afirmam Zoró e Leite (2018, p. 85-86), “a ausência de materiais didáticos específicos nas escolas do povo Zoró é um desafio a ser superado na direção de uma educação escolar indígena diferenciada e intercultural”.

É nesse contexto que a presente pesquisa buscou produzir conhecimentos sobre o ensino de matemática intercultural na escola zoró, visando a necessidade de aprimorar e produzir saberes neste campo, configurando-se como uma situação de estudo para uma melhor compreensão e intervenção nos rumos da educação escolar em território do povo Zoró, por intermédio da produção de um material didático específico e diferenciado para o ensino de matemática.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

No desenvolvimento do projeto de pesquisa que resultou neste trabalho, desenvolveram-se diferentes fases do percurso metodológico, a saber: estudo teórico de referenciais sobre etnomatemática, cultura e educação escolar indígena; coleta de dados sobre saberes matemáticos do povo Zoró relacionados a quantificadores, calendário, geometria e festas tradicionais; organização dos dados e estruturação de um material didático específico e diferenciado para ensino de matemática; aplicação do material didático em sala de aula; e produção do relatório final da pesquisa.

Para a coleta de dados sobre saberes matemáticos do povo Zoró, foram realizadas entrevistas audiogravadas com sabedores zoró, observações e registros fotográficos da confecção de artesanatos, no período de fevereiro a junho de 2018, na aldeia Anguj Tapua, na Escola Indígena Zawâ Karej Pangyjej, da Terra Indígena Zoró.

Os dados coletados foram organizados em forma de textos bilíngues e figuras, aos quais foram acrescentadas atividades correspondentes para serem realizadas em sala de aula das escolas zoró, incluindo resolução de problemas, escrita de quantificadores e representação de quantidades com desenhos, entre outras atividades. Assim, o material didático resultante do trabalho, estruturado em forma de apostila, contém conteúdos de matemática zoró sobre quantificadores, calendário, geometria e festas tradicionais, na língua Pangyjej e em Português.



**Figura 1:** A capa e algumas páginas internas do material didático específico produzido na pesquisa.

O material didático produzido foi aplicado em sala de aula nos meses de novembro e dezembro de 2018, para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e de 1º a 3º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Indígena Zawã Karej Panyjeje, na aldeia Anguj Tapua, localizada no Município de Rondolândia, Mato Grosso. Cada aluno recebeu uma cópia impressa do material, para responder conforme o seu entendimento sobre as atividades propostas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início da aplicação do material didático em sala, verificou-se que os alunos não sabiam como responder as atividades de matemática em Panyjeje, não conheciam por exemplo a forma de pronunciar os quantificadores em Panyjeje. Então, fez-se um trabalho pedagógico de discussão dos saberes presentes no material, a partir de aulas expositivas, com explicações no quadro, explorando-se as semelhanças e diferenças entre os números naturais

do sistema de contagem não-indígena e os quantificadores em Pangyjej, assim como em relação à geometria e ao calendário tradicional.

Após as explicações teóricas, a leitura dos textos do material e os exemplos apresentados na lousa, os alunos começaram a entender as atividades propostas, e começaram a responder. No entanto, parece que a vida cotidiana atual dos jovens está cada vez mais influenciada pela cultura ocidental, que de forma despercebida, sem se mostrar, está interferindo na cultura do povo Zoró. Até mesmo os pais deixam de ensinar para as crianças a forma de contar ou pronunciar em Pangyjej, usando apenas o Português para expressar quantidades em números naturais. Outras ideias matemáticas, como as palavras “adicionar” e “subtrair” não se falam em Pangyjej, somente em Português, apesar de tais conceitos existirem na língua materna (respectivamente *mamanka* e *maigi*).

Assim, observou-se que, apesar de existirem saberes matemáticos na cultura zoró, que podem ser expressos na língua Pangyjei, é cada vez mais difícil se ouvir os jovens usando tais saberes na língua materna. Isso ficou evidenciado na dificuldade inicial que os alunos tiveram para resolver as atividades propostas no material didático aplicado em sala.

Nesse contexto, as aulas desenvolvidas com o apoio do material específico produzido nesta pesquisa proporcionaram aos estudantes a seguinte reflexão: Por que estudar matemática em Pangyjej? Como resposta, os alunos passaram a perceber que desde sua origem o povo Zoró já tinha as suas formas de contar e medir os seus objetos, e que estas formas davam certo. Por que hoje não são mais utilizadas? Será que é porque são inferiores às formas dos não-indígenas? Certamente que não são inferiores e por isso precisam ser estudadas também nas escolas. Assim, ao final da aplicação do material, os alunos perceberam que estudar matemática em Pangyjej é de suma importância nas escolas zoró, para contemplar o conhecimento original de sua própria etnia.

Isso depende de conscientização e motivação dos próprios professores pesquisadores zoró, para buscar informações sobre os conhecimentos tradicionais, no intuito de valorizar e fortalecer a sua cultura local, e para aplicar esses conhecimentos com as novas gerações, garantindo sua sobrevivência como zoró.

Durante a aplicação do material com alunos do Ensino Médio, foi possível também desenvolver atividades de pesquisa com membros mais velhos da aldeia. Fez-se por exemplo consulta aos sabedores sobre as diferentes possibilidades para o número três na língua do povo Zoró. Para tanto, a atividade do material sobre esse tema foi organizada entre sabedores e os alunos, que se dividiram em três grupos, sendo que cada grupo fez a sua pesquisa com um sabedor diferente.

Essa atividade foi realizada dessa forma porque existem três maneiras de pronunciar o número três na língua Pangyjej, sendo elas *babetuletet*, *ãnsanu um wa man* e *bajbirip*. Então os alunos realizaram a pesquisa, obtendo resultados semelhantes, conforme informado pelos diferentes sabedores. Logo, todos os grupos entenderam que cada forma de falar o três serve para fazer contagem de algo específico, como objetos, dias, animais ou pessoas. Assim o trabalho de pesquisa dos alunos gerou informação importante a partir do uso do material didático específico, algo que os livros comuns de matemática que chegam até a escola não proporcionam.

De modo geral, entre outras reflexões proporcionadas pela pesquisa, pode-se questionar sobre a importância de se ensinar matemática na escola zoró com materiais específicos. Quanto a isso, verificou-se que o material específico de matemática busca ensinar aos alunos ideias e conceitos da cultura do próprio grupo étnico, fortalecendo os conhecimentos matemáticos do povo e ajudando no processo dos alunos zoró se identificarem como zoró, reafirmando sua identidade étnica e cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao término desta pesquisa, foi possível constatar a importância e as principais diferenças entre um livro didático não-indígena e a apostila produzida para o ensino de matemática em escolas da Terra Indígena Zoró. Em geral, os livros de matemática encaminhados pela Secretaria de Educação para as escolas indígenas não contemplam a realidade dos alunos, sendo que as atividades destes livros são voltadas somente a contextos urbanos, muito distantes do cotidiano e dos saberes próprios das comunidades nas quais as escolas estão inseridas.

Por sua vez, os livros e demais materiais didáticos produzidos através de pesquisas como esta tornam-se mais fundamentados para uma criança indígena aprender matemática, assim como outros tipos de conhecimento, sem perder de vista as referências de suas próprias culturas, línguas e modos de vida. Isso ocorre porque os materiais didáticos específicos contemplam a realidade vivenciada no dia-a-dia, envolvem a contextualização perante as questões em que se vive, levando os alunos a conhecerem suas histórias, a forma de sobreviver do seu grupo étnico onde está inserido.

Ao término da pesquisa e após a aplicação da apostila em sala de aula, verificou-se também como o material produzido na pesquisa está relacionado com as especificidades da educação escolar indígena, pois corresponde a conhecimentos distintos dos conhecimentos

da sociedade não-indígena, valoriza a língua do povo Zoró, suas formas próprias de organização social e seus mitos.

Por fim, o material contribuirá ainda para divulgação de conhecimentos da matemática zoró para além das escolas do povo, oportunizando uma revisão da história e um intercâmbio de conhecimentos com outros povos, incluindo-se a possibilidade de ser utilizado em escolas não-indígenas, de modo a contribuir com a educação intercultural em escolas dos municípios vizinhos à Terra Indígena Zoró.

## REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, J. F.; MASTOP-LIMA, L. (Orgs.). *Matemáticas. No plural! Saberes matemáticos indígenas e sistema de aferição*. Belém: IEMCI, 2009.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Senado Federal. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer nº 14/99 do Conselho Nacional de Educação*. Brasília, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília. 1998.
- D'AMBROSIO, U. *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FANTINATO, M. C. C. B. (Org.). *Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos*. Niterói-RJ: Editora da UFF, 2009.
- FREITAS, R. M. C.; RUIZ, M. A. S. *Etnomatemática: Sistema de numeração dos povos indígenas do Alto Rio Negro no Estado do Amazonas*. Anais do XV EBRAPEM, Campina Grande, 2004.
- LEITE, K. G. *Nós mesmos e os outros: etnomatemática e interculturalidade na escola indígena paiter*. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.
- SURUÍ, A. P.; LEITE, K. G. *Etnomatemática e Educação Escolar Indígena no contexto do povo Paiter*. *Zetetiké*, Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 94-112, 2018.
- ZORÓ, S. J. S.; LEITE, K. G. *Termos numéricos e qualificadores geométricos na língua Panyjej do povo indígena Zoró*. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 10, p. 75-86, 2018.



**CRISTIANE AMBÉ GAVIÃO**

**MATERIAL DE APOIO PARA  
AULAS DE MATEMÁTICA NA  
EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA  
DO POVO ZORÓ**

**UNIR-DEINTER-PPGEI**







**CRISTIANE AMBÉ GAVIÃO**

**MATERIAL DE APOIO PARA AULAS DE  
MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA  
DO POVO ZORÓ**

**Ji-Paraná - 2019**





# FICHA CATALOGRÁFICA





## SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Quantificadores do povo Zoró.....	6
O caso do número três na língua Pangyjej.....	26
Algumas medidas do povo Zoró.....	28
Como é feito o paneiro.....	29
Forma tradicional do povo Zoró contar a passagem dos dias.....	32
Festa de matança de animal de criação.....	33
A festa do Zaga Puj.....	34
A festa de Gujanej.....	36
O calendário tradicional zoró.....	40
Formas geométricas planas na língua Pangyjej.....	45



## APRESENTAÇÃO

Esta apostila tem como objetivo servir de apoio no ensino de matemática nas escolas do povo indígena Zoró.

O material foi elaborado a partir estudos teóricos e atividades de pesquisa realizadas sobre o ensino de matemática nas escolas da Terra Indígena Zoró, no curso de Especialização em Educação Escolar Indígena, oferecido pelo Departamento de Educação Intercultural da UNIR, sob orientação do professor Dr. Kécio Gonçalves Leite.

A autora

## PE MATUE

Ã pama kubap sep anga pambere ambakatap sep na Pangyjej makubap à ka pe kame kaj takue mia.

Enekuj pama kubap sep mena awe manga uma kuba wande pe kame kaj Pangyjej kue mi man sep wa. Man sep manga bu mena alej kala ka Gusep tingi zali pamakubap à UNIR ka. Ene kuj panga uma kubat kaj Dr. Kécio Gonçalves Leite.

Djenywej na tumena we  
mangá

## QUANTIFICADORES DO POVO

### ZORÓ

Antes do contato, o povo Zoró já tinha a forma própria de contagem de objetos, plantas, animais, pessoas, e outras quantidades.

Em sua língua, o povo Zoró conta assim:

## PU KAME

Aratigi man pi tere pangyjej anga pu kama akue mia. Pu xin kama ki pu pagej kama ki panderej kama ki epi mawe kama pe na epiá.

1

MÛJ

Muj bulip = Um peixe.



2

## BUSYT

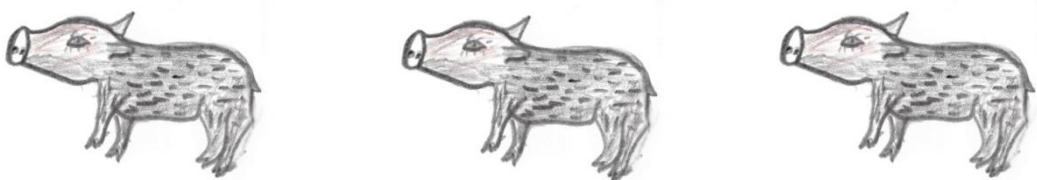
Bakuwa busyt = Duas bananas.



3

## ÃSUNU UM WÃ MAN

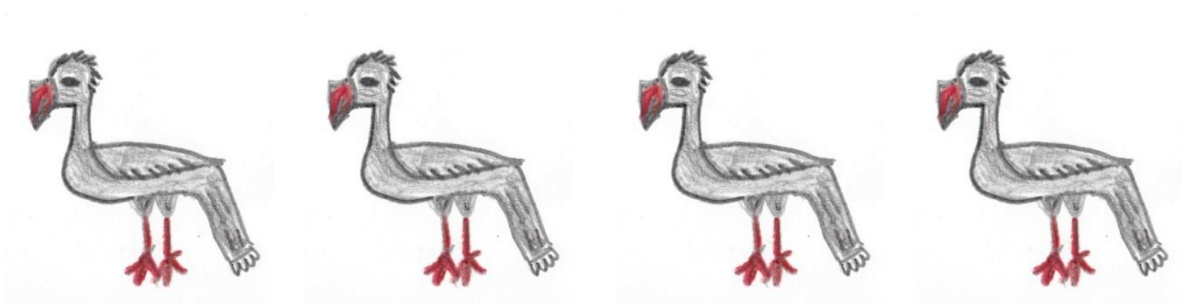
Ãsanu um wã māj bebej ná = Três queixadas.



4

## ÃSANU PIRA MAN

Ãsanu pira man wakujej ná = Quatro mutuns



5

## MÛJ PABE

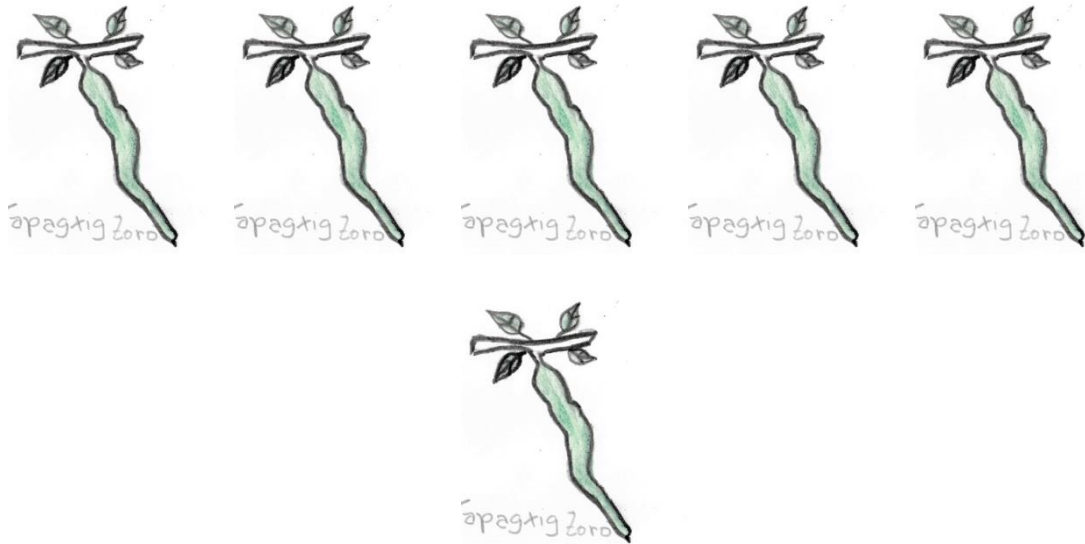
Muj pabe akuwa ná = Cinco cacaus



# 6

## MŪJ MA'Ã MA PABE PI

Muj ma'ã ma pabe pi bulirape ná = Seis ingás



# 7

## BUSYT MA'Ã MA PABE PI

Busyt ma'ã ma pabe pi ulixia na = Sete cajú

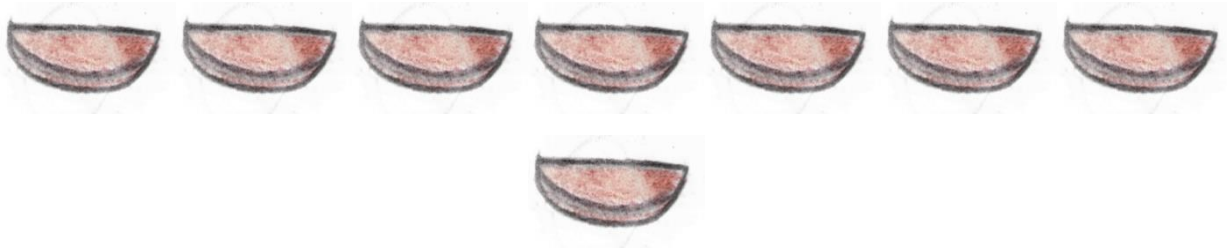




# 8

## ÃSANU UM WÃ MAN MA'Ã MA PABE PI

Ãsanu um wã man ma'ã ma pabe pi man mamgap ná = Oito castanhas



# 9

## ÃSANU PIRA MAN MA'Ã MA PABE PI

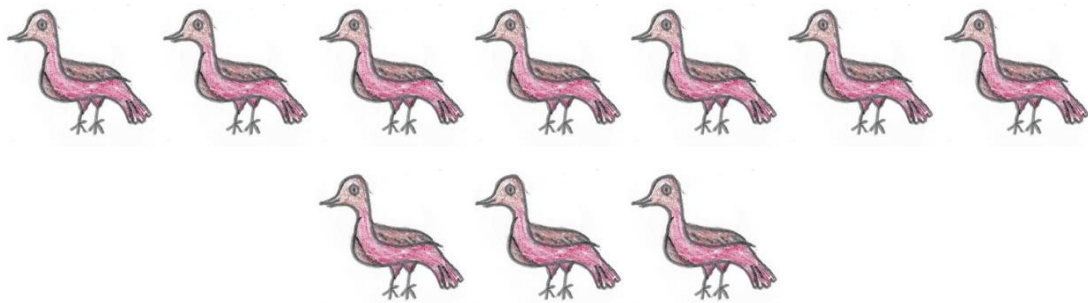
Ãsanu pira man ma'ã ma pabe pi djukan gap na = Nove muricis



10

## PAMBABE SUPUP

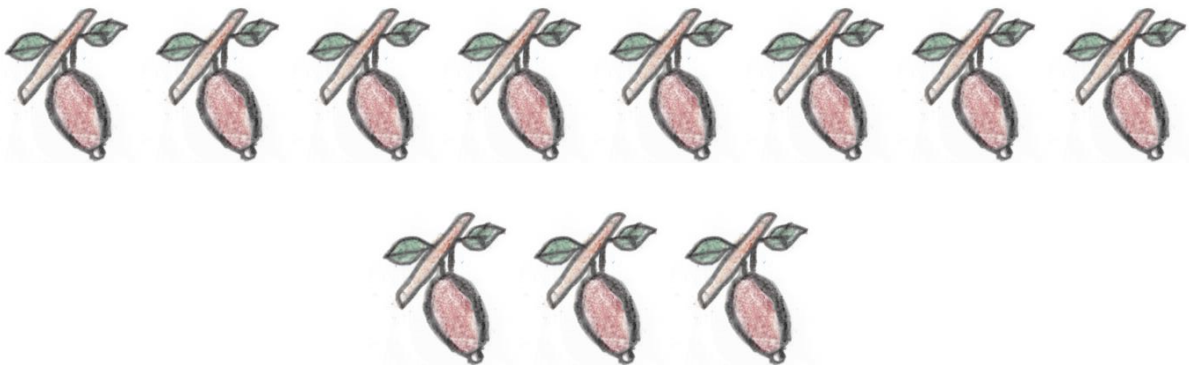
Pambabe supup indjynej na = Dez pássaros



11

## MUJ MA' Ã PAMBI PI

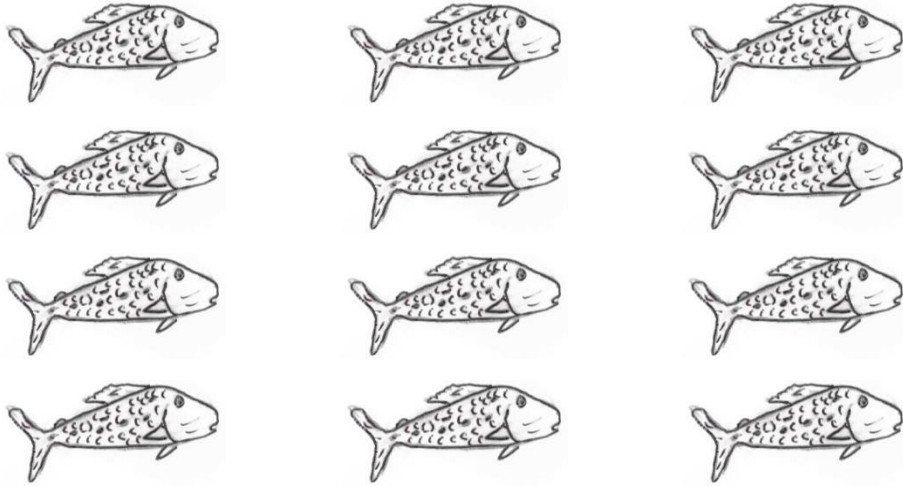
Muj ma' ã pambi pi wesua na = Onze jenipapos



12

## BUSYT MA' Ã PAMBI PI

Busyt ma' Ã pambi pi ixawej ná = Doze piaus

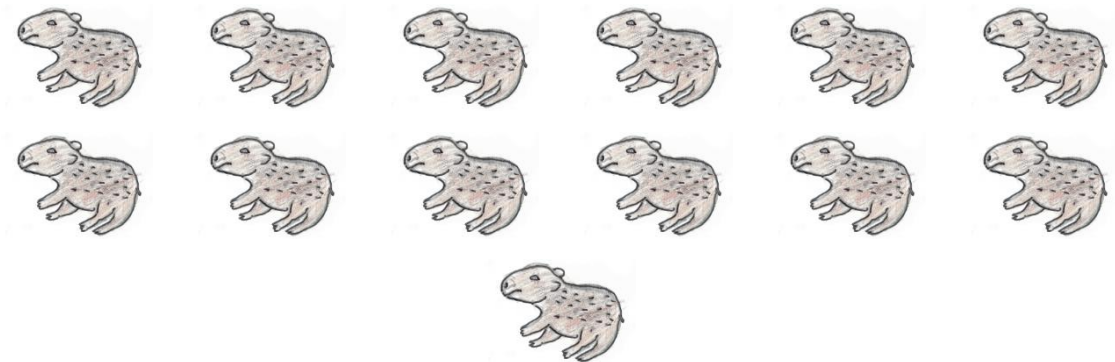


13

## ÃSANU UM WÃ MAN MA' Ã PAMBI PI

Ãsanu um wã man ma' Ã pambi pi anzaj ná =

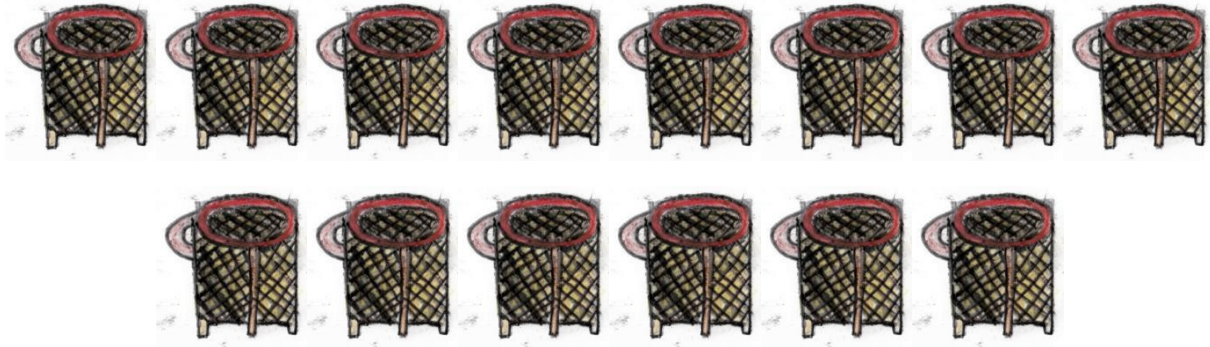
Treze pacas



14

## ÃSANU PIRA MAN MA' Ã PAMBI PI

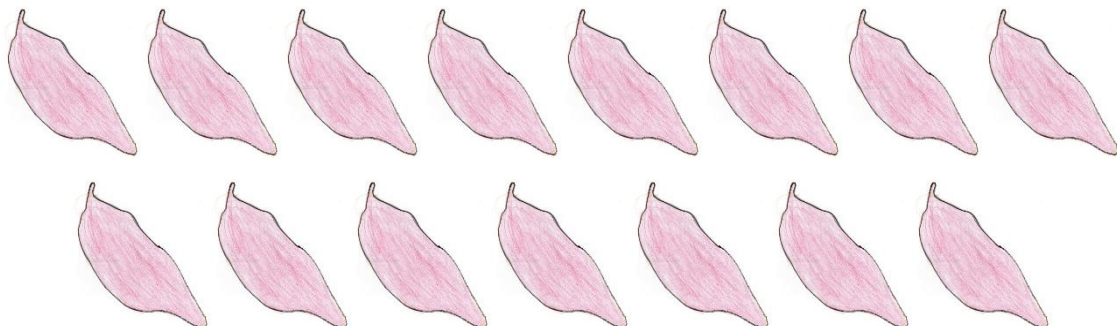
Ãsanu pira man ma' ã pambi pi adu ná = Quatorze paneiros



15

## MÛJ PI SUPUP

MÛj pi supup wej tigã na = Quinze batatas doces



16

# MÛJ MA' Ã MA PI PI PAMBI NA

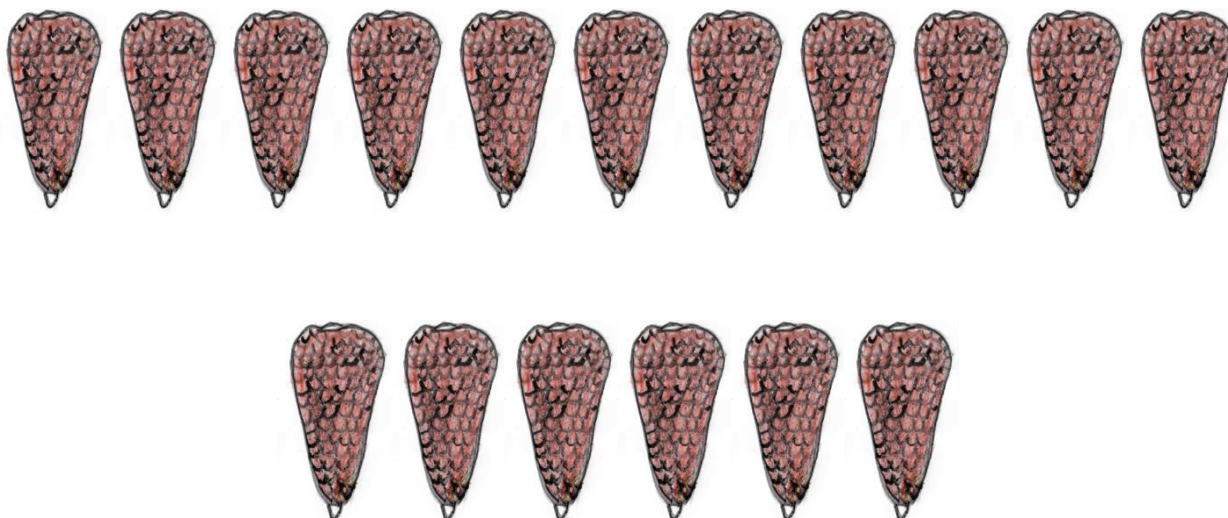
Mũj ma' ã ma pi pi pambi na basep ná = Dezesseis reais



17

# BUSYT MA' Ã MA PI PI PAMBI NA

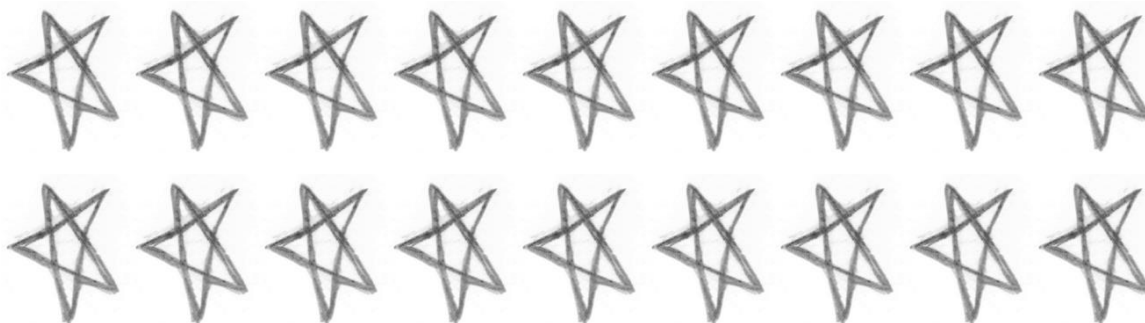
Busyt ma' ã ma pi pi pambi na meng ná = Dezesete espigas de milhos



# 18

## ÃSANU UM WÃ MAN MA' Ã MA PI PI PAMBI NA

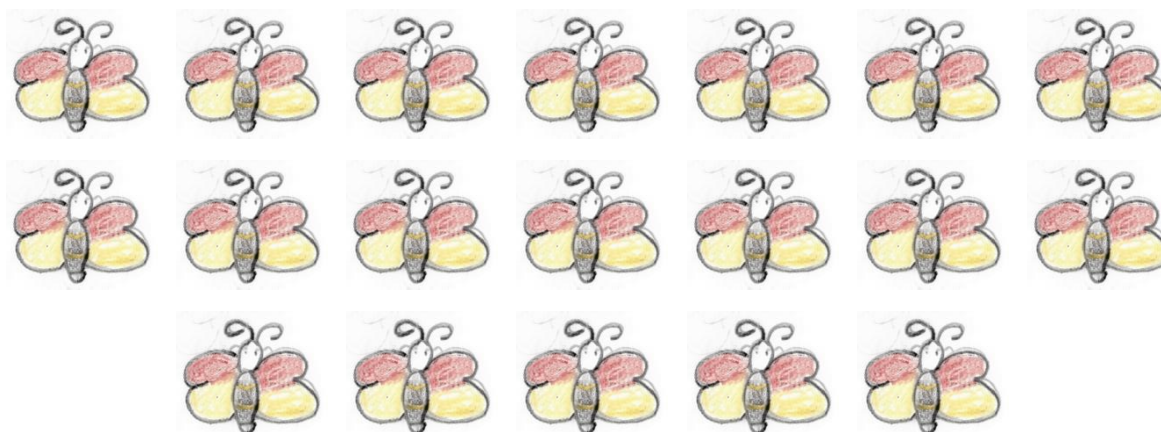
Ãsanu um wã man ma' ã ma pi pi pambi na zuj kywej na = Dezoito estrelas



# 19

## ÃSUNU PIRA MAN MA' Ã MA PI PI PAMBI NA

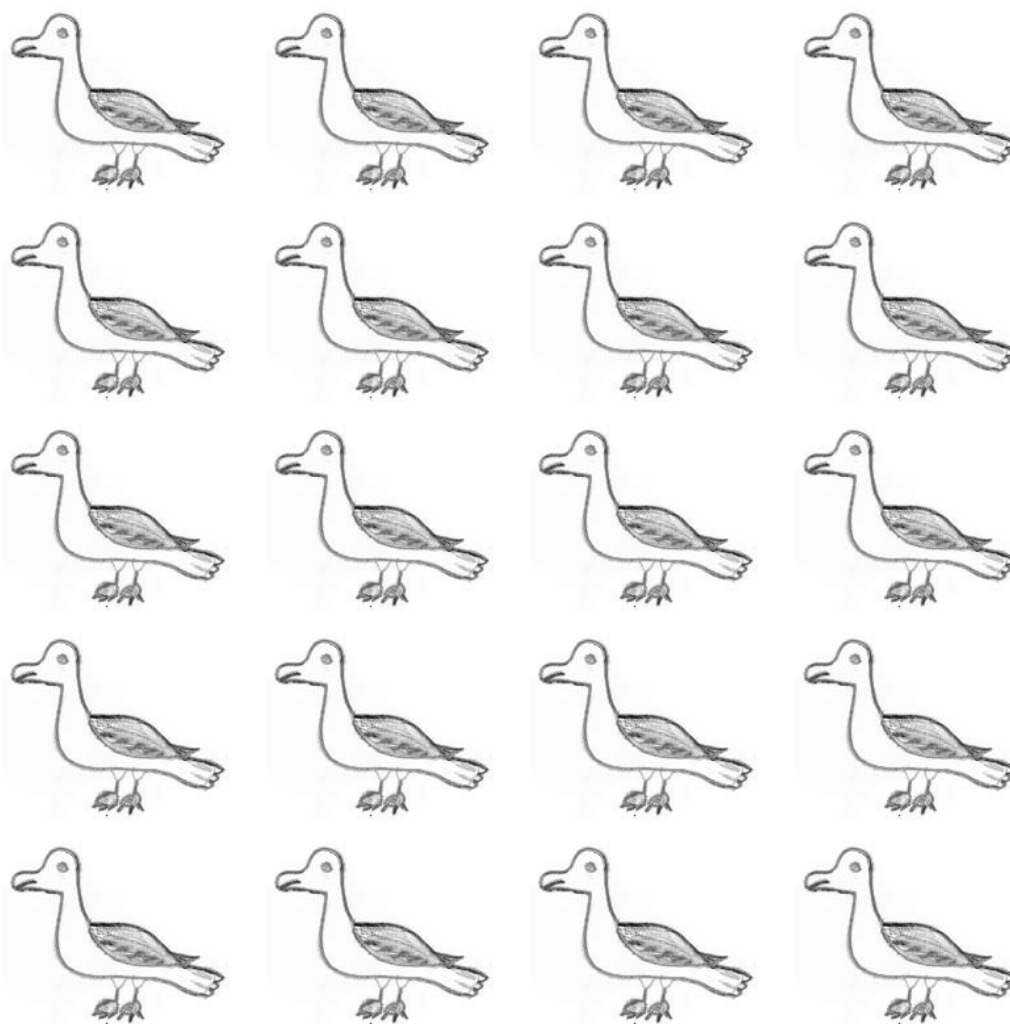
Ãsunu pira man ma' ã ma pi pi pambi na kunzerep wej ná = Dezenove borboletas



20

# PAMBI SUPUP

Pambi supup ipejaj ná = Vinte patos



# 21

## MÛJ MA 'Ã MAPI PI PANDERE NA

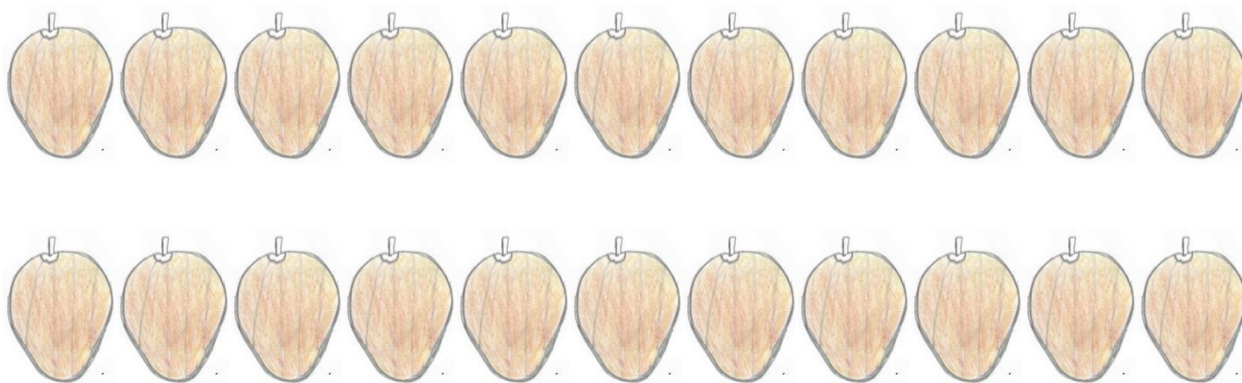
Mũj ma 'ã mapi pi pandere na darãjã ná = Vinte e uma laranjas





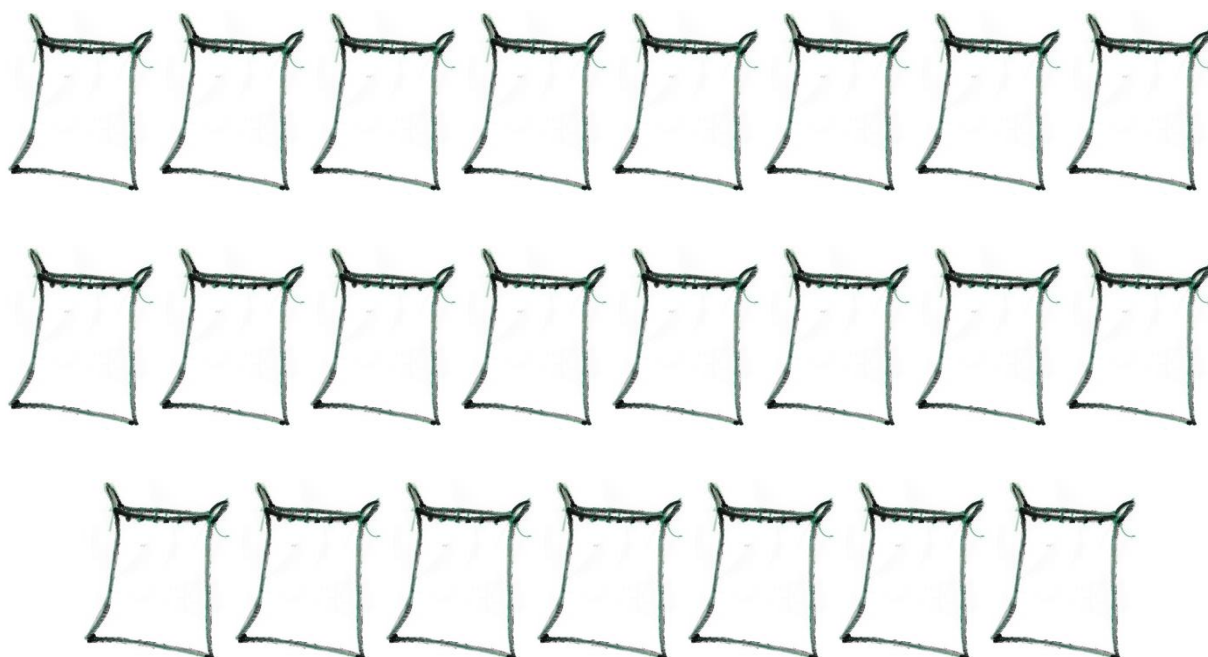
# BUSYT MA 'Ã MAPI PI PANDERE NA

Busyt ma 'ã mapi pi pandere na ibuga na = Vinte e dois mamões



**ÃSANU UM WÃ MAN MA 'AÃMAPI PI PANDERE NA**

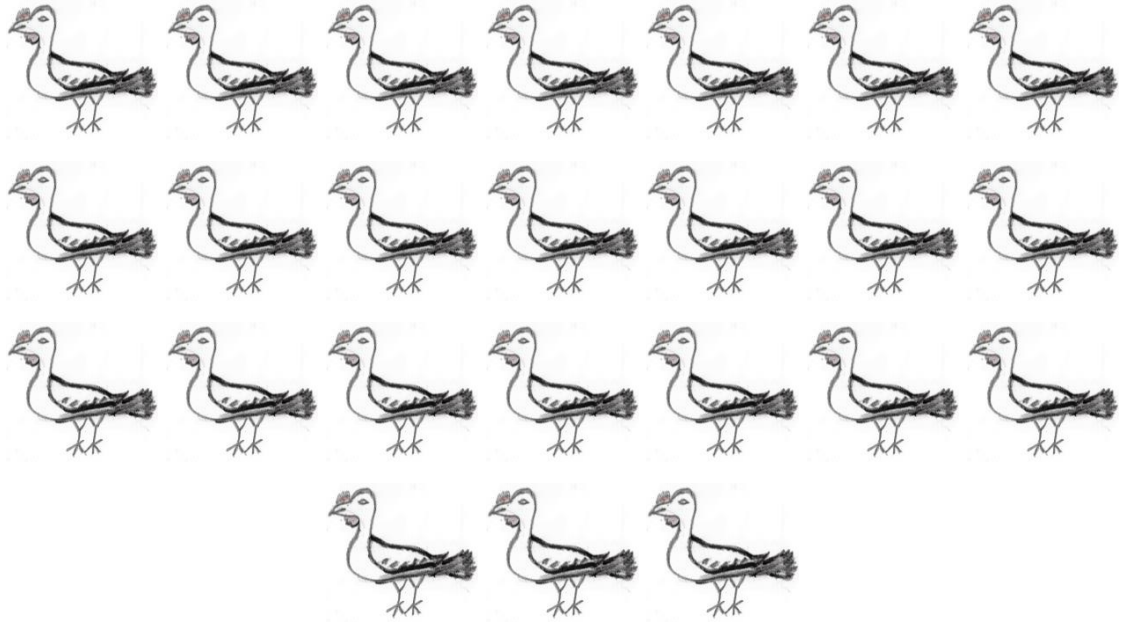
Ãsanu um wã man ma 'aãmapi pi pandere na mam gap ma saku na = Vinte e três sacos de castanha



## 24

### ÃSANU PIRA MAN MA 'Ã MAPI PI PANDERE NA

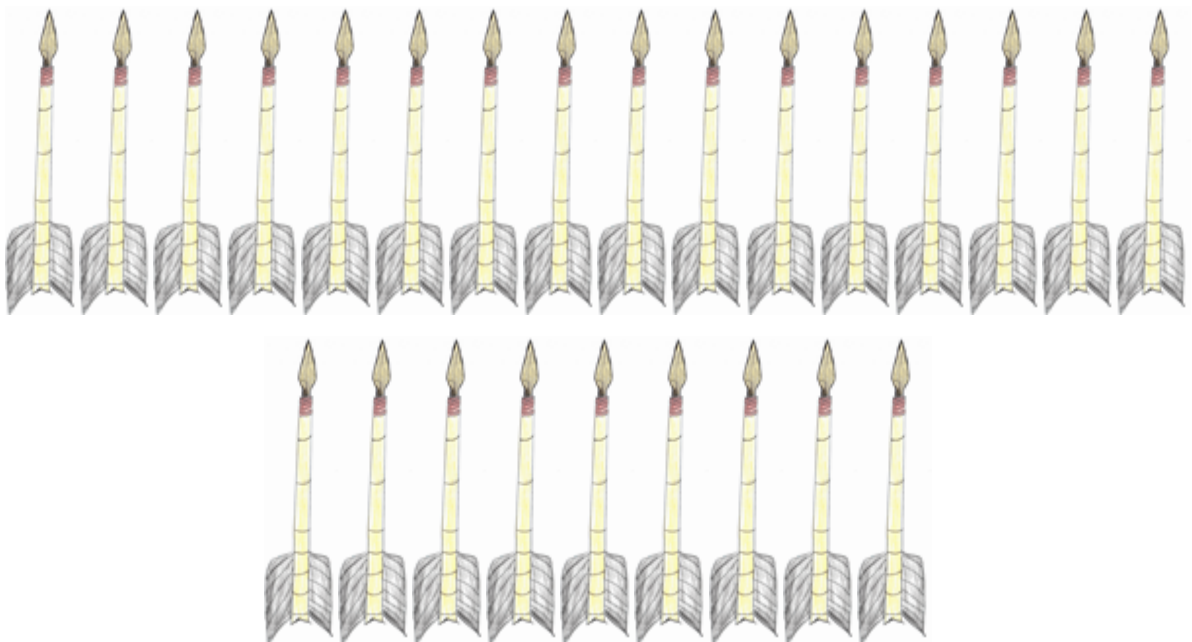
Ãsanu pira man ma 'ã mapi pi pandere na arãjeĵ ná = Vinte e quatro galinhas



## 25

### MÛJ PI SUPUP PANDERE NA

MÛj pi supup maiã ma pi pi pandere na = Vinte e cinco flechas





## ATIVIDADES

1- Ligue corretamente as duas colunas:

1	quinze
4	vinte e cinco
6	sete
9	nove
12	seis
25	quatro
15	um

2- Você tem quantos irmãos?

3- Faça desenhos de objetos ou animais, conforme as quantidades indicadas:

DOIS	
TRÊS	
CINCO	



SETE	
DEZ	

#### 4-Responda

a) Dabyt e Tua tjut foram pescar. Dabyt pegou nove peixes e o seu Tua tjut pescou onze peixes. Quantos peixes os dois pescaram juntos?

b) Esse ano o Zap Ap coletou quinze sacos de castanha e deu sete sacos de castanha para o Iterandu. Quantos sacos de castanha sobraram para o Zap AP?

5- Complete as seguintes frases com as quantidades que você quiser em Português. Em seguida, reescreva as frases na língua do povo Zoró:

a) Claudiane fez.....peneiros.

b) Ailton ficou..... dias fora da aldeia.

c) Kailane conseguiu confeccionar.....tipoias.

d) Miguel fez.....flechas.



## PANGYJEJ KUE MI PAMA KUBE PU KAME KAJ

### PANGUBE

1. Kyp kywa mej tawate maj kuja:

1	Muj pi supup
4	Muj pi supup maiã ma pi pi pandere na
6	Busyt ma´á pambi pi
9	Asanu pira man ma ´a ma pabe pi
12	Muj ma´a ma pabe pi
25	Asanu pira man
15	Muj

2. Anym wej te enzanu´ej era?

3. Pu ej ixu manga mej ãwe ap ka we tingim ap andyra:

Busyt	
Asanu pira man	
Asanu um wa man ma' a mapabe pi	
Muj pabe	



## PAMAKUBE

4. We pere igi meja:

a) Etere Dabyt ki Tua tjut kia māj maka buliwej igia. Ebu Dabyt ma asanu pira man ma ´a mapabe pi māj igi buliwej na. Ebu Tua tjut má muj ma´a pambi pi māj igi buliwej na. Anym wej igi te tāj buliwej na were wa?

b) Etere Zap´ap´ma muj pi supup kap igi mam gap na ãkawu mia. Man kap pi bu alu ma busyt ma´ã mapabe pi man kap nu Iterandu kajá. Anym kap te taj awe idjala Zap´ap pat kap na ewe ká?



## O CASO DO NÚMERO TRÊS NA LÍNGUA PANGYJEJ

O número três pode ser escrito de três formas diferentes na língua Pangyjej. A primeira forma é *asunu up wa man*, quando se refere a objetos. A segunda forma é *babe tule tet*, quando se refere a animais. A terceira forma é *baj birip*, quando se refere aos dias.

## PALI PAMA KUBA PE KAME KAJA

Ena te pangyjej anga asanu um wã pu sanu um kama.

Mene set majã te bu tanga bajbirirp wa pu kaja.

Epi tanga babetuletera pu sanu um kaj ena tea.

### Atividades

1- Complete as frases abaixo com as seguintes expressões: *babe tule tet*, *baj birip* ou *ansanu um wa man*.

- a) Claudiane fez.....paneiros.
- b) Ailton ficou..... dias fora da aldeia.
- c) Kailane conseguiu confeccionar.....tipoias.
- d) Miguel fez.....flechas.



## Pama kube

1- We um sande man ka mej we malã kia: Babe tule tet, Baj birip, Ansanu um wa man.

Xa ma.....pe manga aduej na.

Bubu ma.....karabi ka ajawe um guj ata.

Sep maliam ma.....anguj na.

Zã ma.....manga djap na.

2- Como você faz contagens do número 3? Faça uma pesquisa junto ao orientador da cultura sobre o porquê das diferentes formas de nomear a quantidade 3 na língua Pangyjej.

2 - Ana tenza ãsanu um wã man kama puna?

Embere we tingi karea.

Panderéj pi mejka ana mene ka te panzena ãsanu um wã ki bajbiriwa ki babetuletera kia pé set majã pu kama mene ma' ã karea?

Ebu mengena pandérej kue tingi eka lia. Man tingim ta bu menga wulena lia.

## **ALGUMAS MEDIDAS DO POVO**

### **ZORÓ**

O povo Zoró utiliza partes do corpo para realizar medidas no dia a dia. Por exemplo, a mão de pilão deve ser medida de acordo com o tamanho da pessoa que vai utilizar, para evitar acidente. Se for menor, a pessoa pode machucar o queixo.

A medida do pilão é até a cintura da pessoa que vai usá-lo.

O girau para moquear carne deve ser da altura do joelho da pessoa. Tem que ter um padrão correto para não queimar a caça e também evitar a fumaça.

A medida da corda de arco para flecha é do tamanho do braço do arqueiro.

### **Imbu mange pane**

Imbu manga wyj anga wanzet atue andyt kabia.

Akujbé taga djapia mene ka wyj anga tatu mi manga.

Ena tete pangena imbu manga lia mene anga pangaja lia.

### **Akábi mange pané**

Akábi manga wyj anga asalimpi andyra. Enyt tete pangena akábi atue mi ma'ã lia.

### **Bixã ma'e pané**

Asabikap andyt pandere angena bixã manga lia. Enekuj panzu atu sande man anga asabikap andyt tere apixã manga. Man parat bangena mangaj ma kajam na.

### **Batpé pané**

Batpé tapu manga panga kaj djuga man na.

Ebu pangena panepu andyt djuga tapu kaj djap mali tea.

Am pangena pambite uluga batpé kaja lia pama tue anga lia.

## COMO É FEITO O PANEIRO

Quando a mulher precisa de paneiro, ela pede para o marido derrubar pé de babaçu. Então ele vai escolher aquele que tem folha mais comprida para retirar o broto. Em seguida, voltam para casa trazendo a folha.

Logo a mulher mede o tamanho que vai fazer para cortar o broto. Quando a mulher vai medir, retira uma folha e com ela vai fazendo as medidas da altura e da largura, conforme o seu desejo. Assim, o paneiro sai bem retinho.

Após esse procedimento, o paneiro já pode ser tecido e posto no sol para ficar branco e resistente para carregar alimentos. Depois desse processo, é feito o acabamento final do paneiro e já fica pronto para a sua utilização. Somente a mulher faz o paneiro. O homem só ajuda a tirar o broto.

## ADU MANGE PANE

Bala wanzet anga adu kala asande mene ka amen kaj pasawa kata mate amen kaj adjali sabua ma'ã mene ka. Ebu wanzet anga sabua ma'ã eká. Am wyj angena sep kyp kata asaj kabia.ebu tanga awulu sep ta zap kuja. Eka bu wanzet anga sep andyt sep sala. Man pi wanzet anga ma sep igi xiwe kamam na ki xiku kamam na kia ma sep igia. Adjali wetet na manga mene ka.

Ena adjande kaj man pi wanzet anga sã, akali adjande man pi bu anga mante gat ka djali akit tea mene ka. Akit te djande mene ka tete wanzet angena supup sã. Am wyj anga adu kajpa wanzet pere mi epia. Epare ka de wanzet sena apat tete adu kala kia. Adjali pu ma malã kaja man na angenaadu kala. Xibuja ki meng ki muja ki wejtinga ki bakuwa ki mam gap ki epi ma pu na kia man na wanzet angena adu kala. Matigi te wyj anga adu pajã.

Ena tete adu mange pane anga.



**Figura 1:** Mulher zoró fazendo paneiro.

### **Atividades**

- 1 – Quantos pés tem a base de um paneiro?
- 2 – Quantas faces tem um paneiro?
- 3 – Faça um desenho de um paneiro, com altura de 10 cm e largura de 8 cm.
- 4 – Aproximadamente quantos ouriços de castanha cabem em um paneiro que tem 60 cm de largura e 1 m de altura?



## Pamakube


1 - Anym sã te adu era?

2 - Anym kabe te adu era?

3 - Adu ixu manga meja. Man kama bu mengenapabe supup atue na lia.

4 - Ebu kabé angena ãsanu um wã man ma´ã mapabe pi man kamam na lia.  
Ena mengena xixu mangalia.

5 - Adu kabe sande 60 cm na man kama meja. Epi tatue 1 m na enateá.



## **FORMA TRADICIONAL DO POVO ZORÓ CONTAR A PASSAGEM DOS DIAS**

Em suas atividades tradicionais, o povo Zoró contava a passagem dos dias, principalmente para saber o dia certo para realizar as festas. Assim, um convite era distribuído entre as comunidades, indicando a quantidade de dias que faltava para a realização das festas.

No dia marcado, todos se encontravam no local da festa.

Antes de apresentarmos o calendário tradicional que era utilizado para contar a passagem dos dias, vamos aprender um pouco mais sobre algumas festas do povo Zoró.

## **PANGYJEJ SANDE GARABI KAMÃ MENE**

Apare mi panyjeje ma garabi kama aratigiá. Enate alej mã basep pup manga amaxia adjande man tigiá. Ebu basep pup mã alej pere ambakata we karabi kame kajá. Ena te tama enym karabi te gum ake erena kiná mene andyt tere basep pup mangá.



## Festa de matança de animal de criação

Quando alguém da comunidade pegava um animal para criar, ele cuidava até o momento em que podia manter esse animal. Daí a pessoa decidia fazer a festa para matar esse animal. O dono da festa imediatamente comunicava o pajé para ele providenciar o convite dos espíritos participantes. Em seguida, entregava convite para as demais comunidades de outras aldeias.

A pessoa que criava o animal já tinha o objetivo de fazer a festa para ganhar objetos. Os convidados pediam ao dono do animal a preferência pela carne e o modo do preparo da mesma. Após a refeição, distribuía-se os objetos em troca da comida: os homens davam cocar, flecha e todo tipo de artesanatos que eram utilizados pelos homenszoró. As mulheres também davam todo tipo de artesanatos que eram utilizados por elas, como linha de algodão e outros.

A festa era realizada a qualquer tempo do ano. Dependia mesmo somente do animal. Era uma festa imediata para animar o povo. O pajé tinha um papel fundamental para a realização dessa festa. Ele cuidava da organização espiritual, era o dono da organização da festa.


O pajé convidava dois espíritos, o *bagap bagap wyp* e o *kirâ ti*. Somente esses espíritos participavam da festa, porque só dava tempo de convidar esses espíritos. Os outros moravam muito longe, por isso não dava tempo de chegarem para a festa. Assim, a festa era realizada em poucos dias, aproximadamente uns dez a quinze dias.



## Gum ake pané

Etere pama pamaxia gum ta padjade mene ka. Ebu pama âte pupaga et apuj tea mene ka pama xiá. Ena man na tere padjande ma a mene ka pama saga





epiá. Man tigi bu pama ibala. Epi pama wawã kaj ibala ena tea. Ebu wawã ma bap bap wap ki kiran ti kaj kia tete ibala etigia. Matigi pama tasupup ta ibalá. Pamena pambat kala padjande mene ka pangum ake tigiá. etigi panderej anga awit kala ki etigi kia. ma et makia kala kî ma et amagulia kala ki epi makala epi awit na kia panderej anga ena man tigiá. Ena bala te bagap bagap wyp ki kiranti kia māj ma ikaja wa tete etigiá. Ebu awit kala tadjande māj ma awit wepi nu madjaj kajá. Djap ki gat pexit ki nepuaj ki ambuap kia man nu wyj ma awit wepi ná. Epi zali piap kia man nu madjaj kajá. Epi wanzet ma gup tapu nu etigia awit wepi ná. Ena te pama antigia te gum ake manga gawu mi ki zuj mi kia tete pamena we magá. Ena te gum ake mena we atu na um ena teá. Pyrywa te mene na we mena etigiá. Ena tete gum ake pane angá.




### ***A festa do Zaga Puj***

O pajé comunicava a comunidade da aldeia que iria realizar a festa de *zaga puj*. Logo todos ficavam sabendo e ficavam animados para a realização desse grandioso evento, tão esperado. Cada pessoa se preparava para danças.

Às vezes, alguém da comunidade também realizava essa festa quando queria dançar e reunir todas as comunidades do seu povo. Era uma forma de confraternização.

A primeira pessoa a saber era o pajé. Ele avisava que o espírito participante era o *zaga pujej*. Logo a comunidade tratava de fazer um banco para os espíritos se sentarem no dia da festa. Só existia um tipo de madeira próprio para fazer esse banco, que se chama *jãwam*.

Quando terminava a construção do banco, o pajé convidava os espíritos para avaliá-lo. Eles andavam por cima. Um era chamado *mandeg kawyt*. Outro era *majãku* (urubu). O pajé, por sua vez, possuído por esses dois espíritos,



cantava dançando para avaliar o banco, confirmando a medida do mesmo, dizendo que o comprimento é do tamanho da asa dele.

Em seguida, outro espírito, chamado de *bagap bagap wyp*, fazia viagem para muito longe, como um mensageiro de entrega dos convites aos demais espíritos que ficavam muito distantes, que eram os principais convidados a esta festa.

O *bagap bagap wyp* voltava somente na véspera da festa. Ele trazia o pedido que os espíritos convidados faziam sobre a comida para o dono da festa. A encomenda era sempre a dança e o mel. O dono da festa tinha que dar conta desse pedido.

A festa de *zaga pujej* era uma fartura de alimentos. Tinha carne moqueada de todo tipo de animais comestíveis pelo povo Zoró, frutas silvestres, mel e chicha. Logo, a festa era realizada somente na época das frutas, que era nos meses de fevereiro e março.


No dia da festa, as pessoas se alimentavam daquela comida, suco de frutas, sopa de mel, carne e chicha. O dono da festa distribuía para todo mundo que estava ali, as crianças e os velhos. Após servir a todos, ele perguntava se todos comeram e beberam. Se todos confirmavam, ele terminava de servir a comida.

Só podia tomar chicha azeda quando todos os convidados tivessem tomado suco de frutas. Se não, dava dor de barriga. Por isso, o cuidado era muito grande.



### **Zagapujej na mene pané**

Bala wawã ma ena mene kala unga pangajá. Epi panuj djande ibale kala mene ka ena wawã kajá. Ebu wawã ma e ej kaj ungena lia zagapujej kaj mene ká. Ebu alej ma jawa manga bala we amba ká. Jãwam mi alej ma maga. Epi jawa



jabuj akali bu mandeg kawyt anga wulu tut ta mene anga. Epi majaku kia man ma jawa turena. Man kabu má buxã andyt te malia majaku ti ta bereá. Ena wawã ma majaku ti ta ibala etigia. Man pi bu бага бага wyp ma ka buligum māj matua. Wade zagapujej matuá. Man abi bu бага bagawyp ma awulu axira we sá man ka awulup ka balu ma tawit kale pana madjaj kajá. Ujbala ma tea lia ki ma irej ma ã lia alu ma awit kala lia бага bagawyp ma we pana madjaj kajá. Ena te pamena zagapujej na mangaj kale ka ki irej kale ka kia ewe magá. Ena te zagapujej na mene ma panea mene na. Pu kale ka ena tea. Epi pawua wa mene kale ka ena tea. Ena te pamena pawa wup mi zagapujej na. Iptula wup mi we mena awe manga, pawua supup wup mi pamena we manga. Epi pama ã ej wa tepa irej na kina māj supup ma ã etigia. Mene mi te pama pupagej abiá. Bebej ki bebe kurej ki alimej ki wājāj ki.epi ma ej pupagej na ena tea. Ena tete pamena pawa xiwa ki irej sup wa kia tete wekarabi ká. Am pama í tete wá. Ebu madjajej mena panzupup kaj etigia, bywej kaj ki panderej kaj kia tama etigiá. Ebu madjajej ma tetuj mesup kajalia panderej kajá. Enekuj panganena pawua xiwa padjabuj tere isunyn pi pangaj kareá. Pawa xi wa um padjande mene ka pangulia angena kylygá.



### A festa de Gujanej

Antigamente se fazia a festa do *Gujanej*, porque a dança era muito boa e bonita. O cacique da aldeia comunicava o pajé para realizar essa festa. Ele dizia:

- Eu quero comer o jacaré.


Então, pajé respondia:

- Você quer fazer isso?

- Sim! - respondia o cacique.

Logo os dois decidiam fazer a festa. Então o pajé já avisava:

- Eu não vou chamar qualquer espírito. Estou falando do *Malula*.



O espírito *Malula* era chamado também de *Pangyj*. Ninguém sabe dizer para nós o porquê desse nome. Ele era muito respeitado por todos, não podia brincar sobre o respeito a ele. Ele era muito bravo.

Esse espírito mora bem para baixo do rio. Se alguém errasse alguma coisa acerca dele, fazia com que o rio transbordasse, ou seja inundava as aldeias e comia as pessoas.

A data para festa era muito longa, por causa da distância de onde ele morava. O convite enviado para ele tinha que ser comprido, com mais tempo. Somente o pajé sabia o dia em que ele chegava para a festa. O *Malula*, no meio da viagem, vinha dançando em vários lugares onde tinha o rio. Para o pajé, os rios têm espíritos de *Gujanej*, que é o maior de todos os espíritos das águas.


E assim, chegava até o local da festa. A comunidade acompanhava a chegada através do canto, para organizar o recebimento do convidado tão esperado.

Tanto os objetos quanto a alimentação tinham que ser bem preparados, com muito cuidado e delicadeza. O *Malula* só aceitava as coisas bem feitas, beiju bem fino. A comunidade inteira, crianças jovens, adultos e velhos, mastigava a batata doce. Tinha que ser bem bonita para ralar, para tempero da chicha dele. A cuia de onde tomava chicha era bem enfeitada, assim como tudo que era utilizado por ele.

As pessoas que preparavam as coisas para *Malula* eram escolhidas. Isso era tão perigoso e eles tinha tanto medo da inundação, que respeitavam as regras a serem cumpridas durante a festa.

O dono da festa colocava uma linha no fundo da maloca para pendurar os objetos pessoais do convidado, como cocar, pena de gavião real, pena de arara, *ambuap* e cuia enfeitada, na qual ele tomava chicha.

Os demais convidados só podiam comer e beber o resto que sobrou, depois dele, porque era muito perigoso. Ninguém podia quebrar a regra.




O pajé orientava a todos para queimar urucum e fazer fumaça até amanhecer. A gordura de gongo era colocada na chicha do *Malula*. O preparo da comida era feito sempre antes dele chegar. Comia só comida quente. Ele chegava na madrugada, gostava só das coisas boas e bem preparadas.

Essa é a festa de *Gujanej*.



### **Gujanej pane**

Ena pama aratigi we parat na ibala gujanej kajá. Ena we djande we parat na mene ka zawidjaj ma berepana wawã kajá. Wawu we kala unga kajá. Mene ka bu wawã ma tenzena ena mene kala kajá. Alia bu zawidjaj ma kaj ewe ká. Ena mene ka panga we manga tama akajá.am ungena ätigi man kaj tea lia tama akaja. Man kaj bu tama pangyja etigia.am panga ena mene ka te tadjena pangyja mene wetá. Man kaj um bu pama awendjia mene angá. Pere sut tere na mena mene anga pangajá man banga ipi kuj ata mene ma pangaja. Pé maba padjande mene ka ma í mateã mene ma pangajá. Ena djande buligum ata mene ka pama basepup atu mi basepup maka kujá. Ene kuj wawã tete mena etigi te saka awane li kina mene wetá. Ena mene ka mena xi pasepup atu na.ma'ej ibala ma'ej kaj ibala mena awulup kuja.etigi de i andyt te gujanej angena wawãj djena ena te kia.mene ka bu malula ewe andyt te ibala kia mene anga.pytyg buma ena man kuj te awanea.ãxira tesa awanea lia tama basep pup djande akun byt mene ka.ena basep pup djande akun byt mene ka bu tama xipare pajã.pu pylyj maki tama xipat na.gat pe paryt ki ambuap paryt ki kasal weaj kuru paryt gat pe xit pirande um kia man maki tama xipat na.ena te tama xiwit paryt nu etigia.wejtinga paryt ki mambe paryt ki epi ma paliri epi puna.ate kiri dja sut djande mene ka um pama te kia mene ka tamena pu pali tete nu kaj xiwit na.am



antigia te man mena xipat manga ena tea.bat paryt tesa ka man tete man mena xipat manga etigia.mene mite xiwit kaj mene mena.un wit parat tesa ka man tete mena xiwit manga.ximambe xerebit mi tama ximambe tiria.epi panderej supup mena xima i tu asupup mia.am ma mabatu um etigia.ena panderej supup djande batu mene ka bu batuj ma talu puj byt ka etigia.epi tama wejtinga paryt xigi tete batuj ka.ena tama malula ambakuj balia samba ka.ena te tama putapu anzap manga xiwasut tape jam na.adjali xiwasut sat manga tapu ka zawe kuja mene ka.man ka bu tamena ambuap aba manga kiikulu sep pirande um ki kasal weaj kuru aba manga ki taluu xit pit manga kia tama xitalu na.syjgap ki anguj kap kia man manga tama talu pepu ka.djali i wa epia mene ka.epi bu panderej supup ma xibep kuj xiwit supup wa.am mena wepakup um na te etigia.we tawap na mena. Ena te pama we karabi ka um mawe sure pandja um wã.etigi de wawã dja mesa ka mana tea lia pama pi ena te kia.man tigi bu dukap ma aning andu anga tea.epi pama xima gadigej kata ena tea.tatang kata tete pama xima gadigej na.ena te pama gadigej sala de mate um gadigej pali pealã.tapali tiri tere pamena maka terea.malula wulup karabi ka tere tamena gadigej tiri karea.pyrywa mej tatiria lia tama wanzej kaja mene anga .mangere tere malula mena awanea mene anga.gyly tere wanzej ma xima i a tut manga.ebu mandaga ma we peturu tere awia.am malula mena pu sun wa tea mene anga.ebu alej mena xima i ka gadigej kap akia mene anga.ena tete gujanej na mene pane anga.

## O CALENDÁRIO TRADICIONAL

### ZORÓ

Nas figuras abaixo está apresentado um calendário tradicional do povo Zoró, utilizado para a contagem dos dias para realização das festas.

Esse calendário era construído e distribuído pelo organizador da festa para os convidados saberem exatamente quando a festa seria realizada. Ele era feito da folha de babaçu.

Cada ponta existente no calendário equivalia a um dia. A cada dia que passava, uma ponta era quebrada, até chegar o dia da festa.

## BASEP PUP PANE

Gũj kuj basep pup sande man ikini mejã. Djena Pangyjěj mena basep pup manga adjali amaxia mene weta mene ká. Utea mene na pamena basep pup paliri panderej kaj alej wuli gum aka mene ká. Pasap akira pi tama basep pup manga panderej matup na. Man ka bu madjaj ma basep pup nu adjande kaj man kaj ã karabi ka edja igi mene xig kalia kajá. Ena tamena adjali we karabi weta mene ka we kama etigiá.



**Figura 2:** Convites com diferentes quantidades de dias.

Am kylym te basepup mena ena teá. Anyn te ewe sa ka ibale na pandere ma apere wepea basepup mange kajá. Mene ka bu tama djalana basepup ka tá.



**Figura 3:** Estojo utilizado para guardar e carregar o calendário tradicional.

Enate basepup mã xijam pit na tereá.

Um mesmo convite podia ser utilizado para indicar a realização de mais de um evento. Para isso, uma linha era amarrada no dia do evento, e era usada tinta vermelha para indicar a data de realização do evento, conforme figura abaixo.

Enate mandjaj mã basepup bit mi gup tapu wup anzap manga tana te mene na kareá. Epi mã basepup kun bym kuj mũj katandé pixã gup tapu mi baj kym tere na.



**Figura 4:** Linhas amarradas no convite para indicar a data de realização dos eventos.

Ena gup tapu mã etigi we angena lia man na panderej kajá.

Até hoje esse calendário tradicional é conhecido pelos sabedores do povo Zoró. Mas após o contato com a sociedade não indígena, outras formas de contar o tempo foram introduzidas na cultura.



Enate panderej tete anga adjajĩ basepup kaj adjyt te kareá. Enekuj mawe mi tere garabi kamẽ anga adjyt djalaj ikini tadjande man piá.epi adjyt māj anga garabi kamã djalaj pare miá.

### **Atividades sobre contagem de tempo do povo Zoró**

1) Jair vai organizar uma festa de matança de animal de criação. Para isso ele fez um convite, com a quantidade de dias para realização de um encontro anterior à festa e amarrou uma linha, com destaque em tinta vermelha. Depois ele marcou em vermelho o dia da realização da festa de matança, conforme figura abaixo. Se Jair distribuir o convite hoje, conte quantos dias vai demorar para a realização do encontro anterior à festa. E quantos dias vai demorar, a partir de hoje, para a realização da festa?



2) Faça o desenho de um calendário tradicional para o convite de uma festa de Gujanej que será realizada vinte dias após a entrega do convite.

3) O pajé de uma aldeia do povo Zoró vai realizar uma festa do Zaga Puj daqui a trinta dias. Circule qual dos calendários abaixo ele vai utilizar para convidar os parentes de outras aldeias do povo.



## PAMA KUBÉ BASEPUP KAJ

1) Etere Betara mã apere wepea akum ake kaj balá. Man buma basepup manga enyn de we sena li kina mene andyrá.ebu aluma basepup bit ka gup tapu anzap manga tana mene nate kareá. Epi bu Betara mã basepup kun byp kuj gup tapu wup anzap manga ã ka ibale anga akun balia mene ná. Etere Betara anga basepup nu panderej kajá. anym karabi kala te panderej sa aka tanate karea? Anym karabi kala te ibale sa akaliá? Basepup ixu ka mēj we ixu ikiniá.



2) mepere gujanéj ma basepu manga kareá.

3) matigi wawã djande ata pangyjej jáwe ka man ma 30 kerep ka zagapujej ibale pe katá. Apaliri te wawã et panderej kajá. Mepere peka ta ã anga mene na kareá. Mepere kala xixu ká.



## Formas geométricas planas na língua Panyjeje

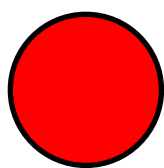
Na cultura do povo Zoró, as formas geométricas planas existem na confecção de flechas, nos trançados dos artesanatos, nas pinturas corporais e na construção de malocas. Cada parte da maloca recebe um nome na língua Panyjeje, de acordo com seu formato geométrico. No quadro abaixo são apresentados alguns nomes de formas geométricas na língua do povo Zoró e o correspondente em Português.

## Pu ixu Panyjeje kue mi

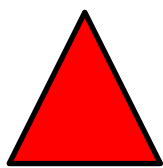
Ate pu ixu mange anga Panyjeje wa sut ka ena tea. Djap wẽ sabe tingi tangá. Epi tanga wesu manga akaj ena tea. Ene kuj wesu set anga enatea. Epi werewa mawe set Kia. Zap tere ka kalĩ sande man set anga ena te we kama de na pú set ná. Pali pama kuba we kajá.

PANYJEJE	PORTUGUÊS
Pambekatawa	Círculo
Gurê	Triângulo
Zap patam	Linha reta
Gajawã man	Curva
Bebe tikyp	Losango
Akabe	Trapézio

Uma representação das formas geométricas planas acima nomeadas é a seguinte:



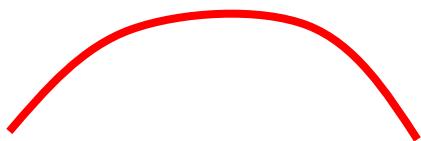
Pambekatawa / Círculo



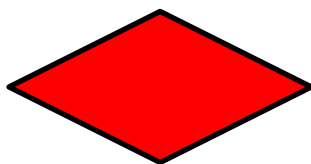
Gurê / Triângulo



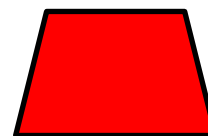
Zap patam / Linha reta



Gajawã man / Curva



Bebe tikyp / Losango



Akabe / Trapézio

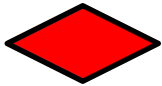


## ATIVIDADE SOBRE FORMAS GEOMÉTRICAS PLANAS

1) Relacione corretamente as duas colunas:

Akabe	Triângulo
Gurê	Círculo
Pambekatawa	Linha reta
Gajawã man	Trapézio
Zap patam	Losango
Bebe tikyp	Curva

2) Escreva o nome de cada figura plana abaixo, nas línguas Pangyjej e Português:



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_




\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



Material didático produzido pela autora no Curso de Especialização em Educação Escolar Indígena, oferecido pelo Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia.

